

ESBÔÇO HISTÓRICO SÔBRE A PROVÍNCIA DO CEARÁ

P. Théberge (*)

CAPÍTULO II

Descobrimto do Ceará pelos Portugêses; seus primeiros estabelecimentos nêle; expulsão dos Franceses do Maranhão

Pouco tempo depois da descoberta do Brasil, por ocasião da repartição desta região em capitâneas, de que D. João III fêz doação a alguns dos seus vassallos, o território, que hoje constitui o Ceará, compreendido então na capitania do Maranhão, (I) coube ao historiador e homem de estado João de Barros, tão conhecido por suas *Décadas*, (II) mas êste, como fôsse pobre e já idoso, não se quis aventurar a vir colonizar a sua capitania. Associou-se pois para êste fim a Luís de Melo e Silva, o qual armou uma flotilha de cinco navios, e nela partiu em 1534 para o Maranhão com dois filhos do donatário; mas esta expedição perdeu-se completamente nos baixos, com exceção de um único navio, em que se salvaram os filhos de Barros.

No seguinte ano de 1535 o donatário escolheu outro sócio, (4) Ayres da Cunha, que armou uma segunda flotilha de 10 navios, e

(*) O Dr. Pedro Théberge escreveu o seu *Esbôço Histórico Sôbre a Província do Ceará*, sendo publicado em 1969 o 1.º volume por seu filho Henrique Théberge. O Instituto do Ceará, um século depois, incumbiu seu sócio efetivo Mozart Soriano Aderaldo de anotar a obra de Pedro Théberge, que se tornou raridade bibliográfica, para uma segunda edição comemorativa do centenário de seu aparecimento. Dêsse trabalho foi divulgado o 1.º captulo na R.I.C. de 1969 e vai publicado o 2.º captulo neste número, correspondente ao ano de 1970. — N. R.

partiu outra vez com os dois filhos de Barros. A esquadriha chegou efetivamente à barra do Maranhão, mas ali perdeu-se sôbre os baixos da entrada que formam o canal. (5) (III)

Os náufragos, depois de lutarem muito com a morte, salvaram-se em parte numa ilha situada na embocadura do rio, donde foram ao depois recolhidos por um navio português: mas os filhos de Barros, mais infelizes, acabaram às mãos dos Pitaguaras, índios mui ferozes da raça Tupi, que ocupava êsse território.

Êstes desastres esfriaram por tal modo os aventureiros, que não consta mais a existência de alguma outra expedição que da Europa viesse em direitura para o norte do Brasil.

Nestes tempos um capitão francês natural do pôrto de Dieppe, na Normandia, de nome Jacques Rifault, (IV) desde alguns anos freqüentava as costas do Maranhão e Ceará, comerciando com os índios os quais tratava com tal boa-fé que pôde conquistar a amizade e inteira confiança da parte dêles. No intervalo de suas viagens costumava sempre deixar entre êles alguns dos seus companheiros, tendo sido Montbille (V) um dêste número.

Em maio de 1594 voltou ao Brasil êste capitão com 3 navios bem equipados, e aportou ao Maranhão, onde foi bem recebido; de maneira que, regressando à França, empreendeu nova viagem, (VI) e trouxe mais gente, com um chefe chamado Victor Des Vaux (VII) que foi o fundador da colônia francesa do Maranhão.

Teve a habilidade de conciliar a amizade dos índios Tupinambás, que residiam nestas paragens, e por êste meio alcançou dêles a posseção de tôda a ilha situada na baía do Maranhão.

Em consequência disto, partiu imediatamente para a França, a fim de solicitar d'El Rei Henrique IV^o a autorização, e sua real proteção para fundar nesta parte da América um estabelecimento seguro e permanente.

Tendo sido atendido em sua pretensão, tratou de organizar uma Companhia, que denominou com o título pomposo de *Companhia das Índias Ocidentais*. (VIII) Com grande custo pôde fazer entrar nela *Auguste de la Ravardière*, *Emile Rassilly* e *Charle de Harley*. (IX)

Um dêles foi mandado com o fim de observar a localidade e suas proporções; e como o seu parecer fôsse favorável, assentaram de dar princípio aos trabalhos da colonização.

Se a côrte de França conhecesse nessa ocasião a importância do país que desprezava, e se não estivesse tão embaraçada com os negócios críticos que por lá corriam, talvez ficasse com uma importante colônia no Maranhão e no Rio das Amazonas; bastava para isto que ela favorecesse e protegesse as tentativas da Companhia das Índias Ocidentais; entretanto, nada disso fêz, abandonando-a a seus próprios e diminutos recursos. (X)

Em 1580, a 31 de janeiro, a coroa de Portugal tinha passado às mãos da dinastia espanhola; e Felipe II, astucioso filho de Carlos V, reinando neste tempo e dispondo das colônias do Brasil, nomeou em

1603 a Diogo Botelho governador-geral, em substituição a D. Francisco de Sousa. (XI).

Gabriel Soares, aventureiro de Pernambuco, depois de outras emprêsas em procura do célebre *El-Dorado*, empreende uma para o norte por mar, a qual não teve bom sucesso. Depois dela, *Pedro Coelho de Sousa*, (XII) morador na povoação da Paraíba, propondo-se a Diogo Botelho para explorar o norte do Brasil, foi bem aceito e recebeu o título de capitão-mor da expedição; êle, anteriormente, já havia penetrado até as margens do Rio Jaguaribe, onde tinha dado comêço a um estabelecimento, que se viu obrigado a abandonar. (XIII)

Partiu pois em junho de 1603 com uns 80 companheiros, e perto de 800 índios, com os quais embarcou num navio conduzido por um francês prático da costa, o qual foi êle acompanhando sempre de perto e a vista, pois já havia reconhecido o canal. (XIV)

Nas costas do Ceará tomou índios mais domesticados, e seguiu para a Serra da Ibiapaba, onde chegou a 20 de janeiro de 1604. (XV)

Depois de alcançar diversos triunfos contra *Mel Redondo*, um dos maiores chefes desta região, logrou sujeitá-lo ao domínio português, não obstante os esforços de alguns franceses estabelecidos com *Mel Redondo*, e à testa dos quais se achava Adolfo de Montbille, primeiro europeu que as crônicas dão como tendo exercido certa influência nestas regiões.

Pedro Coelho achava-se dominador de quase tôda a chapada da Serra da Ibiapaba, povoada por grande número de índios; mas Montbille soube excitar a desconfiança dos indígenas e conseguiu armar contra êle o grande chefe Juripariguaçu (grande demônio), e com tanta maior facilidade, por quanto já se achavam todos indignados de ver a falsidade com que êle tratava os seus companheiros índios, cativando e vendendo como escravos não só os que fazia prisioneiros, como os próprios que trouxera em sua companhia da Paraíba e das costas do Ceará.

Coelho não podendo pois resistir aos fortes e repetidos assaltos da parte dos Tapuias, e além disto achando-se abandonado de todos os índios que trouxera consigo, foi forçado a retirar-se fugitivamente e por terra para o Jaguaribe, sítio que já naquele tempo era da jurisdição de Pernambuco, e onde tentou estabelecer-se, mandando buscar sua família e mais gente da Paraíba, e fundando uma colônia que denominou Nova Lusitânia, e uma povoação, já anteriormente principiada, com o nome de Nova Lisboa. (XVI) Mas, pelos mesmos motivos que se deram na Serra da Ibiapaba, viu-se ainda outra vez abandonado de todos os seus amigos, e compelido portanto a retirar-se por terra para a Paraíba em companhia de sua mulher e filhos, alguns dos quais eram de tão tenra idade que, não podendo suportar as fadigas de uma tão grande jornada, vieram a morrer em número de dois no caminho. (XVII)

Os jesuítas, que tinham observado com grande atenção os sucessos desta expedição, querendo atrair os índios destas paragens

ao grêmio do Cristianismo, ofereceram-se ao governador-geral para este fim; e, como obtivessem licença, no ano de 1605 (XVIII) em companhia de 70 índios já mansos (XIX) os padres Francisco Pinto e Luis Figueira, que se encaminharam para a chapada da Ibiapaba; mas os Tapuias estavam tão exasperados contra os Portuguezes, que assassinaram não só os companheiros dos jesuitas, como também o padre Pinto; e o padre Figueira teria tido a mesma sorte se não se pusesse em fuga para as planícies do Ceará com os companheiros que com ele escaparam, e dali para o Rio Grande (XX), onde se encontraram com o sargento-mor de estado Diogo de Campos, que então de visita neste povoado, prestou-lhes o possível auxílio.

Eis como o padre Antônio Vieira refere esta primeira Missão do Ceará, em primeiro capítulo da sua interessante obra intitulada *Voz Histórica*.

“Pelos anos de 1605, sendo já pacificadas as guerras que em Pernambuco foram mui porfiadas da parte dos naturais, pelas violências de certo capitão português, se tornaram a pôr em arma todos os índios avassalados que havia desde Rio Grande até o Ceará, onde ainda não tínhamos a fortaleza que hoje defende aquêle sítio.

“E como em todo o Brasil tinha mostrado a experiência o particular talento e graça que Deus deu aos Religiosos da Companhia de Jesus para compor os ânimos desta gente, à petição do Governador do Estado que então era Diogo Botelho, foi nomeado para esta empresa o padre Francisco Pinto, varão de grandes virtudes, e muito exercitado e eloqüente na língua da terra; e por seu companheiro o padre Luis Figueira.

“Foram recebidos êstes Padres como embaixadores de Deus, e não do Governador do Brasil, e sem haver entre todos aquêles índios, pôsto que agravados nas vidas, nas honras e nas liberdades, quem pusesse dúvida à tudo que os Padres lhes praticavam, puseram logo em suas mãos as armas, e nas d’El-Rei e dos seus Governadores a obediência a que dali por diante nunca faltaram.

“Concluída tão felizmente esta primeira parte de sua missão (isto é, a pacificação dos indígenas do Rio Grande e do Ceará), traziam os Padres por ordem de intentar os sertões do Maranhão, que naquele tempo eram ocupados por franceses, apalpando a disposição dos índios seus confederados, e vendo se os podiam inclinar à pureza da fé católica, que entre os franceses estava muito viciada de heresias e à obediência e vassalagem dos reis de Portugal, a quem pertenciam estas conquistas.

“Assim fizeram logo os Padres sendo os primeiros pregadores da fé, e ainda os primeiros portuguezes que do Brasil passaram às terras do Maranhão.”

(Dêste texto se colige que os Padres seguiram por terra atravessando todo o Ceará até a Serra da Ibiapaba.)

“E marchando por terra com grande trabalho e dificuldades, por irem abrindo o mesmo caminho que se havia de andar, chegaram enfim às Serras de Ibiapaba onde viviam como acasteladas três grandes povoações de Índios Tubajaras, debaixo do principal Taguaibunuçu, que quer dizer: grande demônio.

Levantaram os Padres igrejas na maior povoação da Serra, sem contradição dos naturais, antes com grande demonstração de contentamento; e enquanto insistiam quotidianamente na instrução dos adultos e declaração dos mistérios da nossa santa fé, com grande fervor dos mestres e dos assistentes, conhecendo uns e outros de quanta importância seria para a conservação e aumento desta nova conquista de Cristo, ter pacificadas as nações bárbaras de Tapuias que cercavam e infestavam os arredores da Serra, fizeram pazes entre elas e os Tabajaras, sendo os mesmos Padres os medianeiros e ficando como fiadores de ambas as partes.

Mas debaixo dêste nome de paz, traçando-o assim o Demônio, sem outra ocasião que a fereza natural dêstes brutos, entraram um dia de repente pela aldeia e pela igreja os chamados Tucurujus, e estando o padre Pinto ao pé do altar para dizer missa, sem lhe poderem valer os poucos índios cristãos que assistiam, com frechas e partasanas que usavam de pau muito duro agudas e pesadas, lhe deram três feridas mortais pelos peitos e pela cabeça; e no mesmo altar onde estava para oferecer a Deus o sacrifício do corpo e sangue de seu filho, começando esta ação o Sacerdote, e consumando o sacrifício.

Com a morte e martírio do padre Pinto, cuja sepultura Deus fez gloriosa com o testemunho de muitos milagres que se deixam para mais longa história: o padre Figueira ficando só e sem língua, porque ainda a não tinha estudado, retirou-se para o Brasil.

Êste foi o fim da primeira Missão da Serra da Ibiapaba.

Tiveram os Tubajaras lembrança de vingar a morte de seu pastor na qual se mostraram tão cavaleiros que fazendo guerra em tôda a parte aos Tucurujus, apenas deixaram desta nação quem lhes conservasse o nome e a memória.”

A Diogo Botelho sucedeu *D. Diogo de Menezes*, em 1608, no governo-geral do Brasil. (XXI)

Veio encarregado de mandar explorar todo o norte do Brasil, e especialmente a embocadura do Rio Amazonas; assim como de expelir os franceses, que se achavam estabelecidos no Maranhão.

Martim Soares Moreno, que fazendo parte da expedição de Pedro Coelho, tinha sabido granjear a amizade e confiança dos índios a tal ponto que o chefe Jacaúna lhe dava o nome de filho, sendo indagado pelo sargento-mor Diogo de Campos, (XXII) qual era a disposição dos índios do Jaguaribe e da Ibiapaba, respondeu tão satisfatoriamente ao sargento-mor seu parente, que êste o indigitou ao governador-geral para o comando duma nova expedição ao norte.

O governador-geral o encarregou, com efeito, de semelhante missão, conferindo-lhe o título de capitão-mor do Ceará, (XXIII) com

o qual Martim Soares Moreno partiu da fortaleza do Rio Grande do Norte, em um barco, sem mais guarnição do que a de 2 soldados, a fim de inspirar menos desconfiança a seus novos súditos; chegou com feliz viagem ao Ceará, onde depois de segurar a sua subsistência, e sendo auxiliado pelo seu amigo Jacaúna, levantou uma casa de oração dedicada à Nossa Senhora do Amparo, que tomou por protetora, e nela estabeleceu o capelão que trouxera com os competentes paramentos, que lhe foram dados pelo governador *D. Diogo Menezes*, tratando também de edificar para logo um forte: tudo isto no lugar onde se acha hoje a cidade, ao longo da corrente que a atravessa. (XXIV)

Os holandeses, que já em 1609 tinham acometido a Bahia com uma frota comandada por Paulo Yvancarden e que havia sido repellidos, continuavam ainda com os seus navios a insular as costas do Brasil.

Pouco tempo depois da fundação do presídio do Ceará, no ano 1611, um navio holandês entrou no respectivo pôrto; porém Moreno abordou-o tão destemidamente com os índios, metidos em suas canoas, que tomaram o navio e fizeram com que se rendesse à discrição a tripulação, que constava de mais de 40 homens.

Outro vaso do mesmo pavilhão, que achava-se fundeado em Mucúripe, onde comerciava com os índios, presenciando êste sucesso e temendo ter a mesma sorte, levantou precipitadamente o ferro, e fêz-se de vela, abandonando até o seu escaler, que tinha ido para a terra, e a gente que o montava; mas esta falta da tripulação do escaler, unida à de muita gente, que havia sucumbido à uma epidemia, deu lugar a que, não sendo a gente que restava em número suficiente para a manobra, fôsse a embarcação dar à costa daí a doze ou quinze léguas.

D. Diogo de Menezes, tendo seguido para a Bahia, deixou assim quase em completo desamparo a nova colônia do Ceará, muito embora recomendasse-a à seus subalternos; e desta forma Martim Soares Moreno achou-se desprevenido de todo o socorro, e reduzido aos maiores apuros.

Os índios, vendo-o neste estado de abandono, e induzidos por um invejoso europeu que os persuadia de que Moreno os havia de escravizar, como Pedro Coelho quisera fazer em Jaguaribe, tentaram por vêzes assegurar a sua liberdade com a morte de capitão-mor; mas êste, conhecendo bem a língua túpica, soube despersuadi-los de tão atroz projeto, até que por fim foi socorrido de Pernambuco, o que lhe trouxe segurança pessoal e promoveu a prosperidade do nôvo estabelecimento.

A Companhia das Índias Ocidentais, que já dissemos se organizara nos fins do século XIV, (XXV) sob os auspícios de Henrique IV, não obteve do govêrno francês (que então se achava lutando com sérios embaraços) senão promessas, depois de haver preparado no pôrto de São Maló e Cancale, nas costas da Bretanha, uma expedição

composta de 3 navios bem equipados, que trazendo a seu bordo alguns missionários dirigidos por Cláudio d'Abeville, deixaram Cancale no dia 19 de março de 1612, em demanda das praias do Maranhão.

A 25 de junho chegaram à vista da ilha de Fernando de Noronha, onde aportaram; e sucedendo encontrar aí um português e uns dezoito Tapuias de um e outro sexo, mandaram-nos batizar e casar pelos missionários capuchinhos, depois da celebração da missa.

Estes insulares foram conduzidos pelos expedicionários a seu próprio pedido, logo que refeita d'água e demais refrescos, a expedição teve de deixar a ilha, donde largou a 8 de julho, marchando em direitura da terra brasilica que estava à vista, na distância de meia-légua da praia, e nessa mesma distância passou no dia 11 pela ponta de Mucuripe, e a 12 foi descoberto o Cabo das Tartarugas, hoje chamado Enseada de Jericoacoara, onde foi lançado o ferro e deu-se uma demora de doze dias, partindo afinal a 24 com uma abundante pescaria; e passando defronte do Camocim, da Serra da Ibiapaba, surgiu na barra do Peria, em cujo ancoradouro estavam dois navios de Dieppe, pôrto da Normandia, e com pouco aportou no Maranhão.

Estes expedicionários fundaram logo o forte de S. Luís, em honra a Luís XIII, rei de França, no dia 12 de agosto de 1612; e trataram também de assegurar o seu estabelecimento.

Gaspar de Sousa, décimo governador-geral, recebeu ordem de lançar fora do Maranhão os franceses, e de residir em Olinda para poder melhor dirigir a expedição. Do comando desta foi encarregado Jerônimo d'Albuquerque, compondo-se ela de quatro navios de guerra montados somente por uns 100 homens.

A expedição partiu do Recife no 1.º de junho de 1613, e foi em direitura costeando o litoral até o Ceará, onde tomou o comandante do respectivo presidio. Martim Soares Moreno, como muito pratico da costa o qual deixou em seu lugar Estêvão de Campos; e assim chegou ela ao ancoradouro de Jericoacoara, donde foi mandado Moreno, com um dos barcos montados pela melhor gente, explorar a ilha do Maranhão. (6)

Durante este tempo fez Albuquerque, na entrada de Jericoacoara, uma pequena fortificação de pau-a-pique com denominação de Nossa Senhora do Rosário; e depois de esperar muito tempo por Moreno, vendo que a estação estava adiantada, e que não permitia grandes operações com tão pouca gente, guarneceu o novo forte com 40 soldados, e despachou a expedição para Pernambuco por mar, seguindo êle por terra com algumas pessoas de sua confiança. (XXVI) Esta volta desagradou muito ao governador, que esperava grandes resultados da expedição.

Em 1614 a Holanda tratou de armar uma frota formidável, que se dizia destinada a marchar contra o Brasil. Esta noticia produzindo certa impressão na metrópole, o sargento-mor deste estado, Diogo de Campos Moreno, que se achava na Europa, solicitando despacho dos seus serviços, foi mandado outra vez para o Brasil com poucos ho-

mens e poucas munições, não obstante a promessa que se lhe fizera de um grande reforço.

Chegou ao Recife no dia 26 de maio, e aí encontrou Jerônimo d'Albuquerque, que outra vez fôra nomeado comandante da expedição contra o Maranhão, tratando com ardor dos aprestos necessários para ela.

Por êste tempo appareceu a notícia de que havia três meses que a guarnição, deixada no presidio de Nossa Senhora do Rosário, na Jericoacoara, se achava reduzida aos maiores apuros, sustentando-se apenas de raizes; mas que não obstante esta penúria tinha feito uma bela resistência à partida de 300 Tapuias daquele distrito que havendo-a atacado durante a noite sofreram um tal estrago que no dia seguinte ao verem-no resolveram-se a procurar a amizade da guarnição acometida.

O governador informado dêste successo porém não lhe sendo possível fazer sair a expedição, que não estava pronta ainda, nem esperar que se aprontasse, despachou adiante, no dia 28 de maio, um caravelão com 300 soldados e munições de tôda a espécie em socorro do forte.

Chegou êste socorro ao presidio a 9 de junho, e à 12 do mesmo mês veio arribar sôbre o forte uma nau francesa comandada por De Pratz, o qual sendo informado de que o dito forte não passava de uma estacada de pau-a-pique, persuadiu-se que não teria de guarnição mais de 25 ou 30 homens mal armados, e por isso tratou de desembarcar uns 200 soldados com que marchou contra o mesmo.

O capitão Manuel de Sousa saiu ao seu encontro com pouca gente; mas valendo-se da escabrosidade do terreno, esperou-os num desfiladeiro, onde os recebeu com tal arrôjo que êles foram obrigados a voltar precipitadamente para suas embarcações.

Quando chegou esta notícia a Pernambuco, Gaspar de Sousa já tinha expedido Jerônimo d'Albuquerque para a Paraíba com cinco barcos grandes e as munições necessárias a fim de organizar um corpo considerável de todos os índios da vizinhança; mas os espiritos não ficaram satisfeitos pela quase nenhuma gente de guerra que marchava, e pelo pouco cômodo de tão diminuto número de embarcações, relativamente ao grande número de índios que Albuquerque já tinha começado a juntar.

Martim Soares Moreno, capitão-mor do Ceará, que deixamos no ano anterior encarregado de ir examinar o Maranhão, executou esta incumbência com boa fortuna; mas no seu regresso àquele ponto de sua jurisdição, deparou com ventos contrários, que não lhe permitiram chegar ao seu destino, porque, desarvorado o seu navio, viu-se obrigado a procurar as índias castelhanas, no México, donde passou à Espanha.

Encontrou em Lisboa Gaspar de Sousa, que estava de partida para o Brasil; e por isso comunicou-lhe as suas observações. (XXVII)

O resto da expedição saiu do Recife a 23 de agosto, constando de 8 embarcações, não entrando neste número as que levava Albuquerque para a Paraíba; e a gente que as equipava poderia montar a 300 homens de guerra.

Diogo de Campos comandava esta divisão com ordem de se ir reunir a Jerônimo d'Albuquerque que então achava-se no Rio Grande (onde chegou a 26) para entender-se com este sobre os meios de levar a expedição a seu destino, tendo antes em caminho encontrado o caravelão que regressava de Jericoacoara, depois de ali deixar o reforço de que já falei acima.

No Rio Grande a 28 teve lugar uma revista passada tanto às tropas regulares como às dos índios, que estavam prontas para seguir; entre elas achava-se também *Camarão* que com sua gente pôs-se de marcha por terra: o que deu lugar a nascer divergência entre os chefes acerca do transporte dos índios, isto é, se deveriam seguir por terra ou por mar; mas todos finalmente concordaram em que fôsse êle realizado por mar; e pois efetuou-se com celeridade o embarque, e a 3 de setembro partiu a expedição do Rio Grande, sendo no entanto detida até 5 por falta de maré suficiente. A 5, pois, fêz-se ao mar a armada com vento fresco, levando a terra em distância de 4 léguas. Dobrou os baixos de São Roque, navegando pela primeira vez por fora do canal, mas sempre à vista de terra, caminho que serviu dali por diante de roteiro aos navios que dantes ou seguiam por dentro do canal entre o Recife e a costa, com grande perigo, por ser êle longo e estreito, ou aliás amarravam-se numa distância de 25 léguas da costa para evitar os baixos de Fernando.

No dia 7, a armada fundeou na Enseada do Iguape, perto do Aquiraz, 11 léguas distante do Ceará; e nessa localidade desembarcaram o capitão e os índios que vinham muito maltratados do mar. No dia seguinte, já restabelecidos do enjôo, puseram-se a caminho para o presidio do Ceará, por terra, e o sargento-mor seguiu por mar até a ponta de Mucuripe, e, daí para o presidio de Nossa Senhora do Amparo (7) que alcançou no dia 10, e onde encontrou-se com o capitão-mor, que chegou ao mesmo tempo, enviando para logo uma embarcação ao Forte das Tartarugas a dar parte da chegada. Mandaram avisar igualmente os índios da vizinhança, com os quais entraram a mercadejar com o fito de aliciá-los.

Camarão aí chegou também, procedente do Rio Grande, e vinha tão maltratado da viagem que obteve licença de ficar em companhia de seu irmão Jacaúna, amigo de Martim Soares; mas fêz seguir os seus índios, comandados por um seu filho.

Ora, como começavam os índios a desertar em grande escala, e iam grassando moléstias perniciosas, a 17 dirigiu-se o sargento-mor Diogo de Campos com a armada para o *Paramerim*, hoje *Parazinho*, na barra do rio Curu, onde esperou, exercitando sua gente, até a chegada de Jerônimo d'Albuquerque, que vinha por terra com os índios, chegando todos ali no dia 24, e prolongando a respectiva es-

tada até 29, a fim de reunir os índios que se haviam demorado ou ficado atrás.

Embarcou-se tôda a gente nos navios, que se fizeram de vela para a Jericoacoara, cuja ponta dobraram. (Suponho que o que nestas memórias chamam Ponta de Jericoacoara é a que se chama hoje Itapajé) (XXVIII) em seguida aportaram no Presídio das Tartarugas. (XXIX)

Neste local era então a estação pouco segura, tanto por causa do mau abrigo contra as tempestades, como porque era êste um ponto mui procurado pelos navios que aí vinham fazer trocas com os indígenas; por êste motivo Albuquerque desembarcou a gente de guerra, e com a frota foi estacionar no rio Camucim.

Procurou angariar a amizade dos índios da Ibiapaba, que seria mui conveniente no caso de se querer fazer uma retirada por terra; e desta aliança esperava o capitão-mor grandes vantagens; mas foi logo desiludido pela guarnição do Forte das Tartarugas, que lhe fêz ver a pouca confiança que se devia depositar nesta gente, pois que tendo-se-lhe dali mandado, a pedido do chefe Juripariguaçu, dois de seus soldados para irem guerrear outros Tapuias seus inimigos, êles não só comeram os primeiros, como também o mesmo teriam feito àqueles dois soldados do presídio, se não fôssem avisados pela mulher do chefe com tempo bastante para poderem fugir.

De 29 de setembro até 12 de outubro a armada conservou-se ancorada no surgidouro de Nossa Senhora do Rosário, invocação do Forte das Tartarugas, donde se fêz de vela para a ilha do Peria, não tendo podido tomar a barra do Titóia (XXX) por ser pouco conhecida.

A expedição seguiu sua rota para o Maranhão, entrou a 26 de outubro na barra, e foi desembarcar e fortificar-se na costa fronteira à ilha de São Luís.

Os franceses foram acometê-los depois de lhes haverem tomado duas de suas maiores caravelas.

No dia 19 de novembro, na ocasião de seu desembarque à vista dos portugueses, êstes atacaram-nos tão vivamente que os obrigaram a retirarem-se com grande perda.

Pediram a 22, obtiveram e assinaram a 27 do mesmo mês uma suspensão de armas, determinando que as hostilidades seriam suspensas até 15 de dezembro do seguinte ano de 1615, prazo necessário para que cada um tivesse tempo de recorrer à côrte respectiva e consultá-la sôbre a questão da posse do Maranhão, que no entretanto ficou no poder dos franceses.

A côrte de Madrid reprovou completamente êste armistício, e mandou imediatamente Alexandre de Moura à testa de uma armada bem fornecida de gente e de munições de guerra, com ordem de se reunir a Jerônimo d'Albuquerque, e de expulsar os franceses a todo o custo.

Assim se executou. Depois da reunião das forças de Alexandre de Moura com as de Albuquerque, foram acometidos por elas os franceses, que se refugiaram no forte que haviam levantado; e, sendo aí rendidos no dia 31 de outubro de 1615, viram-se obrigados a capitular, a entregar as fortificações da ilha de São Luís, e a se retirar para a Europa, ficando assim o Maranhão livre do domínio estrangeiro, e reunido ao Estado do Brasil.

Jerônimo d'Albuquerque foi nomeado capitão-mor desta nova conquista, e encarregado da exploração do rio Amazonas e da sua embocadura, assim como de expulsar destas paragens os holandeses que negociavam com os índios do Cabo Frio, e de tomar posse de todo o país em nome da coroa portuguesa; empresa esta que cumpriu com felicidade nos anos subseqüentes. (8)

Em 1616 fundou êle a cidade de Belém, e voltou depois para o Maranhão, onde morreu, na cidade de São Luís, a 11 de fevereiro de 1618, com 70 anos de idade.

Sucedeu-lhe seu filho Antônio d'Albuquerque.

I — Em 1504 Dom Manuel I doou a Ilha de São João ou de Quaresma, pouco antes descoberta, ao armador Fernão de Noronha, doação essa confirmada em 1522 por Dom João III ao mesmo donatário. Mas o sistema das capitanias hereditárias foi generalizadamente adotado por Dom João III a partir de 1534. Dentre as várias em que foi dividido o Brasil, estavam as do Rio Grande (entre a baía da Traição e a angra dos Negros — o rio Jaguaribe, para Cruz Filho, ou a enseada de Curumicoara, cêrca de 50 quilômetros a oeste de Fortaleza, para Pompeu Sobrinho, ou a Enseada do Iguape, cêrca de 30 quilômetros a leste de Fortaleza, para Carlos Studart Filho), doada ao escritor João de Barros; a do Ceará (entre a angra dos Negros e o rio da Cruz — atual Camucim), doada ao cavaleiro-fidalgo Antônio Cardoso de Barros; a do Piauí ou Segunda do Maranhão (entre o rio da Cruz e o cabo de Todos os Santos), doada a Fernando Alvares de Andrade, tesoureiro-mor do Reino; e a Primeira do Maranhão (entre o cabo de Todos os Santos e a abra de Diogo Leite), doada ao referido João de Barros. Não há, pois, razão para que o Dr. Pedro Théberge afirme que o Ceará se achava compreendido na capitania do Maranhão. O que se pode dizer é que o litoral do atual Ceará interessava a três capitanias (parte da do Piauí, tôda a do Ceará e parte da do Rio Grande). Ver, a propósito, o excelente trabalho de Carlos Studart Filho, intitulado "O Ceará sob o regime das capitanias hereditárias", in *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo III, 1938, págs. 41 a 56. Ver, também, especialmente quanto ao último aspecto, a *Proto-história do Ceará*, de Pompeu Sobrinho (Editôra Instituto do Ceará, Fortaleza, 1946, cap. II) e "Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão", de Carlos Studart Filho (in *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo LXIII, 1949, cap. III, págs. 194 a 205). — M. S. A.

II — João de Barros era, de fato, notável historiador, autor das *Décadas da Ásia*, e feitor e tesoureiro das Casas da Índia e Mina.

Seu sócio Aires da Cunha, de posição mais modesta, era cavaleiro sem nobreza, esteve na Índia e era bom marinheiro. — M. S. A.

(4) Segundo Roberto Southey (*História do Brasil*, tomo 1, pág. 83), João de Barros dividiu a sua concessão com Fernão Álvares de Andrada, pai do cronista, e com Aires da Cunha. — H. Théberge.

(5) Segundo o mesmo historiador R. Southey (tomo 1, pág. 83), os tais baixos não se acham na embocadura do imenso rio, como se supôs, mas sim lhe demoram mais de cem léguas ao sul, perto da ilha em que se salvaram os sobreviventes, e que ora, graças a êste erro, é conhecida pelo nome de Maranhão. — H. Théberge.

III — Há muito o que corrigir nesse período de poucas linhas. A capitânea naufragou entre o cabo de São Roque e o “rio do Maranhão”, quando seu comandante (Aires da Cunha) pereceu. As outras nove naus foram ter à ilha da Trindade e voltaram depois a Portugal. Uma segunda tentativa, de que, a exemplo da primeira, participaram dois filhos de João de Barros, foi igualmente infrutífera. João de Barros e Aires da Cunha eram, porém, donatários das capitanias do Rio Grande e da Primeira do Maranhão, e não da capitania do Ceará, cujo donatário era Antônio Cardoso de Barros, que somente veio para o Brasil em 1549, quando o rei o nomeou provedor-mor da Fazenda, ao ser instituído o Governo-Geral. Ver a respeito *História Administrativa do Brasil* (vol. II, Serviço de Documentação do D.A.S.P., 1956, págs. 61 e 62); *História Administrativa do Brasil*, Max Fleuiss (Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1923, págs. 9-11); *História do Brasil*, Hélio Viana (I vol. Período Colonial, 6.^a edição, 1967, Edições Melhoramentos, São Paulo, pág. 66). — M. S. A.

IV — Natural da Bretanha, segundo Carlos Studart Filho (“Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão”, in *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo LXIV, 1950, cap. VII, págs. 25 a 33). — M. S. A.

V — Mambille ou Bombille. A falta de boa documentação, somente depois aparecida com o Barão de Studart, o Dr. Pedro Théberge bebeu muito na tradição, nem sempre correta. — M. S. A.

VI — Carlos Studart Filho dá notícia da viagem empreendida em 1594 (aliás não tão bem sucedida, pois a perda de um dos navios forçou o comandante a desistir da empresa), e contesta a segunda, afirmando que Riffault “fêz-se de vela para a pátria, dêle não havendo mais notícia”. (“Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão”, in *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo LXIV, 1950, pág. 27). — M. S. A.

VII — Charles des Vaux, nobre de S. Maure, na Turenne, assim se chamava “o homem cujos relatos inflamados iriam aguçar a cobiça dos próprios reis cristianíssimos da França. Sua vida passada quase tôda no Brasil ligou-se de modo íntimo à proto-história nortista”. (Carlos Studart Filho, *Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão*, idem, idem). — M. S. A.

VIII — “França Equinocial”, diz Raimundo Girão (*Pequena História do Ceará*, 2.^a edição, Editôra Instituto do Ceará, Fortaleza, 1962, pág. 39), ou “Índias do Ocidente e Terras do Brasil”, segundo

Carlos Studart Filho (*Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão*, idem, pág. 29) — M. S. A.

IX — Na verdade, chamava-se Daniel de la Touche, senhor de la Ravardiere; Francisco de Rasilly e Amelles; Nicolau de Harley, senhor de Sancy e barão de Molle e Gros Bois. Ler, a propósito, Carlos Studart Filho (*Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão*, idem, idem) — M. S. A.

X — A coroa francesa fez o que podia, considerados os embaraços diplomáticos. Já nascia, então, o espírito nacional brasileiro, com a fusão das três raças, responsável pela expulsão dos franceses e holandeses. — M. S. A.

XI — O Cardeal Dom Henrique faleceu em 1581, de modo que somente nesse ano foi Filipe II tido como rei de Portugal. Com sua morte em 1598, seu filho Filipe III passou então a reinar. — M. S. A.

XII — Na verdade, Pero Coelho de Sousa. — M. S. A.

XIII — Os historiadores falam de malogradas tentativas de colonização por parte de Pero Coelho, mas com relação à Paraíba, cujo donatário, Frutuoso Barbosa, era seu cunhado. Ver a respeito *História do Ceará*, de Cruz Filho (Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1931, pág. 48), e o artigo "Há 300 anos — Pedro Coelho de Sousa", de João Brígido (*in Revista do Instituto do Ceará*, Tomo XVII, 1903, pág. 43). — M. S. A.

XIV — Equívoco do Dr. Pedro Théberge. Pero Coelho despachou no ano de 1603, "em julho, três caravelões carregando mantimentos, munições e quinquilharias, com a recomendação de aguardarem na foz do Jaguaribe a sua chegada. A bordo seguira o francês Tuimirim, grande conhecedor da costa e sem o qual Pero Coelho nada fizera, na expressão de um cronista. Sua viagem propriamente dita foi feita com 65 soldados e 200 índios tabajaras, no meio daqueles o depois famoso Martim Soares Moreno, imortalizado por José de Alencar em *Iracema*". (Raimundo Girão, *Pequena História do Ceará*, Editôra Fortaleza, 2.^a edição, 1962, pág. 40). — M. S. A.

XV — No ponto de encontro previamente combinado, demorou Pero Coelho "o tempo bastante para as providências da expedição e o aliciamento de índios locais e, todos juntos, por terra, romperam caminho em busca do Maranhão". Passaram pelo rio Ceará, pelo Siupé, pela enseada do âmbar, hoje Parázinho, pela mata dos paus de côres, atualmente Jericoacoara, "de onde saíram mais ou menos a 11 de janeiro de 1604. para alcançarem o rio da Cruz ou Camuclm, na manhã do dia 19". (Raimundo Girão, *Pequena História do Ceará*, idem, pág. 41). — M. S. A.

XVI — Pero Coelho chegou a defrontar-se com o rio Parnaíba, disposto a ir até o Maranhão, já resolvido o incidente da Ibiapaba com a sujeição de Juripariguaçu e Mel Redondo ou Irapuã, outro chefe indígena. Somente então viu que muitos de seus homens se recusavam a prosseguir, motivo por que resolveu voltar ao Ceará, onde fundou a localidade que chamou de Nova Lisboa, na margem direita do rio Ceará, e não no Jaguaribe, denominando Nova Lusitânia toda a região. — M. S. A.

XVII — Pero Coelho voltou à Paraíba com o duplo objetivo de buscar ajuda e trazer a família, e nunca pelas razões apresentadas pelo Dr. Pedro Théberge. Tanto que voltou ao Ceará em 1606, trazendo a espôsa e cinco filhos. Como tardassem os recursos prometidos por Diogo Botelho e se manifestasse a inamistosidade dos índios, recuou Pero Coelho para o Jaguaribe. Desfalcado de homens e recursos, sabido que os anos de 1605 e 1606 marcam a primeira sêca de nossa história, empreendeu Pero Coelho doloroso êxodo até o Rio Grande, quando perdeu seu primogênito. — M. S. A.

XVIII — 1607. — M. S. A.

XIX — 60 índios, das greis tupinambá, potiguara e tabajara. — M. S. A.

XX — Primeiramente, estêve o missionário na casa de Cobra Azul, onde foi mal recebido. Seis meses depois, encaminhou-se à barra do rio Ceará, sendo recebido com festas. Daí resolveu voltar por terra ao Rio Grande, mas sômente andou uma légua e meia, onde fundou a aldeia de São Lourenço (foz do riacho Pajeú), quando tomou um navio que foi enviado em seu socorro. A propósito, convém ler a *Relação do Maranhão*, da autoria do próprio pe. Luís Figueira (*in Revista do Instituto do Ceará*, Tomo XVII, 1903, págs. 97 a 138; *in História do Brasil*, de Galanti, São Paulo, 1911; *in Biografia do pe. Luís Figueira*, da autoria do pe. Serafim Leite, 1940; *in Três Documentos do Ceará Colonial*, Edição do Departamento de Imprensa Oficial do Ceará, Fortaleza, 1967, págs. 3 a 157). — M. S. A.

XXI — Lembremos, para restauração da verdade histórica, que “mais uma vez, em 1608, a Metrópole dividiu o Brasil em dois governos, o do Norte, cometido a D. Diogo de Meneses e o do sul, a D. Francisco de Sousa, para, em 1613 assumir, novamente unificada, a sua administração, D. Gaspar de Sousa, 10.º Governador-Geral do Brasil” (Max Fleiuss, *História Administrativa do Brasil*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1923, pág. 36). Trata-se, portanto, de um equívoco do Dr. Pedro Théberge, pois D. Diogo de Menezes, em 1608, era Governador do Norte e não Governador-Geral do Brasil. — M.S.A.

XXII — Diogo de Campos Moreno, tio de Martim Soares Moreno. — M. S. A.

XXIII — Esse título sômente foi conferido a Martim Soares Moreno em 1613, depois de muitas emprêsas em que se envolveu. — M. S. A.

XXIV — Embora a barra do rio Ceará hoje se ache compreendida na área suburbana de Fortaleza, na realidade dista cêrca de uma légua e meia da foz do riacho Pajeú, para onde Mathias Beck transferiu material (canhões e telhas) do forte levantado por Soares Moreno. — M. S. A.

XXV — Deve ser o século XVI. — M. S. A.

(6) Segundo diz o senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em seu *Resumo Cronológico da História do Ceará — Ensaio Estatístico*, Tomo 2.º, pág. 258: Neste mesmo ano (1613) Manuel de Brito Freire ocupou provisoriamente o lugar de capitão-mor do Ceará. — H. Théberge.

XXVI — De Jericoacoara saiu Moreno em direção ao Maranhão, a fazer explorações sobre os franceses, tendo chegado ao Peria, primeira boca do rio. “Após muitos recontros vitoriosos, — diz Raimundo Girão *in Pequena História do Ceará*, Editora Instituto do Ceará, 2.^a edição, 1962, págs. 57 e 58 — quis voltar a Jericoacoara, mas os ventos o arrastaram à ilha de São Domingos, de onde viajou para Sevilha, lá chegando a 25 de setembro de 1614 e de lá remetendo para Pernambuco os informes colhidos na terra maranhense. O retardamento de sua volta ao forte de N. S. do Rosário determinou que Jerônimo de Albuquerque regressasse ao Recife, por terra (em agosto), a fim de recompor a expedição e não sem deixar dito forte entregue à responsabilidade de um seu sobrinho homônimo, com 40 soldados”. Soares Moreno retornou ao Brasil em 1615 e ainda combateu no Maranhão. Doente, quis voltar ao Ceará, mas o barco em que viajava foi arrebatado por violenta tempestade, que lhe transbordou o rumo, indo ter à ilha de São Domingos, que Moreno pisava pela segunda vez. Encarregado, pelas autoridades da ilha, de conduzir navios de São Domingos para a Europa, viu-se atacado por corsários franceses, do que resultou ser mutilado de uma das mãos e aprisionado. Levado à França, esteve prêso por dez meses, sendo afinal salvo por interferência do embaixador espanhol. Já em Portugal, solicitou a compensação por seus serviços, sendo-lhe conferido, em 1619, a Capitania do Ceará e, posteriormente, concedido o ordenado anual de 400 cruzados. Mas, somente em 1621 pôde tomar conta da concessão, quando encontrou arruinado o forte que fundara, diligenciando no sentido de sua reconstrução. Dez anos depois, findo o prazo da concessão, Moreno deixou no forte seu sobrinho Domingos da Veiga e partiu para Pernambuco, a dar combate aos holandeses, no que se notabilizou, merecendo o título de Mestre de Campo. E não mais voltou ao Ceará, que tanto deve a êsse inteligente e valente colonizador que, para usar seu próprio depoimento, se despia e raspava a barba, se tingia de negro e usava arco e flecha, tudo isso para mais se irmanar aos índios, cuja língua falava e cujos sentimentos perscrutava. Herói, sem dúvida, digno da epopéia que é *Iracema*, de José de Alencar. — M. S. A.

XXVII — Em nota anterior, reconstituímos a verdade histórica acerca desses episódios. — M. S. A.

(7) A reunir-se com Manuel de Brito Freire, capitão do presídio, o qual esperava pela expedição havia já quatorze meses — Pompeu — Ens. estat. tom. 2.^o — pág. 259 — Southey — tom. 2.^o; pág. 79 — H. Théberge.

XXVIII — A ponta de Jericoacoara situa-se no litoral cearense a cerca de 40° e 30' W, não podendo confundir-se com o pico depois chamado Frade de Pedra, acidente geográfico que deu novo nome ao município de São Francisco, hoje Itapajé, *ex-vi* do disposto no Decreto-lei estadual n.º 1 114, aqui já referido. — M. S. A.

XXIX — Jericoacoara é o mesmo *Buraco das Tartarugas*. — M. S. A.

XXX — Tutóia, já no litoral maranhense. — M. S. A.

(8) Neste mesmo ano (1614), a Brito Freire sucedeu no lugar de capitão-mor, ou antes de comandante do Forte do Amparo, Estêvão de Campos — Pompeu — Ens. estat. tom. II — pág. 259. — H. Théberge.